

A Ortiga.

Sou herva bem conhecida.
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 64, Loja da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

Tínhamos resolvido não dar cavaco ás afrontas, que se nos dirigirão na Liga n. 17, suppondo-as filhas da agonia, que experimenta o moribundo que, não vendo em sua conducta a origem de sua morte prematura, desabafa sua dor imputando-a aquelles, que mais dezojavão a continuação de sua existencia; e continuariamos neste proposito, senão soubessemos, que não passou de *simple desmaio* o que suppozemos *fin de vida*. Como porem estamos informado de que aquella folha brevemente sabirá do *deliquio*, necessario se torna que mostremos a injustiça com que somos por ella carregado com terriveis odiosidades.

Em alguns artigos nossos temos procurado fazer sentir ao governo as fataes consequencias de sua conducta para com a gente de côr. Se nestes temos condemnado a illegal, e errada politica de considerar como impedimento de rimento a côr, em Cidadãos que, segundo a lei, estão habilitados para ocupar os cargos do Estado, em outros temos procurado mostrar a falsidade da imputação, que áurquina a Republicana Aristocracia dominante irroga aos homens de côr, de se quererem roubar e assassinar os brancos. Procurando assim extinguir todas as causas, que produzem justos resentimen-

tos nos offendidos, bem claro fica, que não procuramos *semeiar a divisão entre homens de diversas cores*, e por consequente que a injuriosa, e falsa imputação, que nos irrogou o illustrado Redactor daquella folha, senão nasceo do premeditado fim de nos ferir, foi talvez filha da irresflexão do momento.

Ainda que algumas observações tínhamos a fazer, com tudo nada mais diremos a este respeito; porque sendo essa imputação tambem extensiva ao nosso correspondente — Americus — e dizendo este no communicado que publicamos, tudo o que nós podiamos dizer, a nossa resposta se tornaria occiosa. Passamos por tanto ás censuras que tocação só aos Redactores da Ortiga.

Não podemos deparar com o motivo, que levou o illustrado Redactor da Liga a imputar-nos huma falsidade tão atroz, como he a que diz nós procuramos *semeiar a desunião entre Nortistas e Sulistas*, quando em nossos artigos temos procurado extinguir essa desunião, que data de tempos muitos anteriores á publicação da nossa folha. Quem não sabe que antes da Ortiga apparecer já os Nortistas procuravão dominar o Brasil, com abatimento dos Sulistas? Será depois que a Ortiga se publica, que os epithetos de *marotas do Rio, punsas do Rio*, e outros de igual

laia são empregados no Norte para designar os Fluminense? Será depois que nossos artigos apparecerão, que os Sulistas, e particularmente os Fluminenses, não podem obter nas Províncias do Norte ainda o mais insignificante emprego, ao mesmo tempo que os mais pingues do Sul, e particularmente do Rio de Janeiro, são só para Nortistas, e com preferencia para Bahianos? De certo que não. Como pois somos accusado de promover a desunião entre Sulistas, e Nortistas, quando, provindo esta d'essas causas, nós temos feito ver ao Governo a necessidade de ser justo, de não sacrificar o Sul ao Norte; de indistinctamente nomear para os empregos do Norte e Sul filhos do Sul e do Norte; de apagar finalmente o facho de discórdia que esse patronato accende? Quem mostra ao governo a injustiça com que prefere mediocridades Nortistas a reaver talentos Sulistas, pode ser taxado de promover a desunião? Quem procura corrigir a anti-politica actual organização Ministerial, onde não entra hum unico Sulista; e faz ver as tristes consequencias, que esta organização traz ao Sul, cujos interesses estão entregues só a Nortistas, e Nortistas de tão acanhada esphera, pode ser accusado de promover a desunião do Sul e Norte? De certo com mais razão essa atroz imputação pode ser irrogada áquelles, que procurão a continuação das causas dessa desunião, embora no Sul hajão ellas tido nascimento!... Acreditamos mesmo que os Nortistas de senso achão justas nossas reflexões!...

O espanto com o qual nós se apodera á vista da não esperada acrimonia, com que o illustre Redactor da Liga estranha nossas opiniões sobre a Maioridade de S. M. o I. Para nos denegir na opinião Publica, não duvida o illustrado Redactor lançar mão (permitta-nos a expressão) de hum alevoso tanto mais infundado quanto facil he derrotala, com

a simples leitura do nosso artigo. Neste dissemos — que os Republicanos Aristocratas não querião a Maioridade de S. M. o I. —; segue-se por ventura desta proposição — que todos que não achão conveniente essa medida pertencão áquelle partido —? De certo que tal consequencia não cabe no principio; como pois nos attribue o illustado Redactor ideas, que nem mesmo por allusão nos pertencem?

Como contemporaneo perfeitamente conhecemos os homens que pertencem áquelle partido: e bem que o Publico desconfie de que a esse partido pertençam aquelles, que combatem a Maioridade do Augusto Imperador; nós contudo nelle não classificamos os que se oppoem a nossas opiniões, sem que tenhamos justos fundamentos, que a isso nos determinem. He por tanto falsa a imputação, que na Liga se nos irroga, de classificarmos de Republicanos a todos, que não querem ver á frente do Governo S. M. o I.

Tendo mostrado quanto immerecidas são as injuriosas censuras, que nos foram irrogadas na Liga, passaremos agora a fazer algumas reflexões, que justificarão a pouca aereitação, que aquella Folha injustamente diz nos ter merecido a sua doutrina.

O Patriotismo, que a Liga patenteava não podia deixar de agradar a todo o Brasileiro, fosse qual fosse o partido a que pertencesse. O caminho porém que ella trilhou fez crer a alguns Monarchistas Constitutionaes, que ella tinha outros fins, que não os que declarava. Alguem houve que a suppoz producção dos nossos atilados governantes, que por este meio querião afastar as vistas publicas do nefando quadro de seus erros, e prepotencias, chamando-as sobre a offensa e ultrage que o Brasil sofre do Estrangeiro: offensa e ultrage que só ao governo he imputavel. Aos que amão e sabem amar a Patria, tanto como podem amala, e

saber amala os illustrados Redactores da Liga, essa opinião não pareceo destituida de fundamento, á vista da marcha que essa Folha encetou, e proseguio.

A quem toca sustentar a dignidade, e independencia Nacional, não he ao Governo? Para que pois se dirigia a Liga ao Povo, e procurava leval-o á reacções, contra os ultrages do Estrangeiro? Não via a Liga, que se suas doutrinas fossem abraçadas, nenhum fruto por tal meio se podia colher? Suppenha-se que o espirito publico, electerisado pelas doutrinas da Liga, tratava em todos os pontos de Imperio aos Francezes, da mesma maneira com que o resentimento dos patrióticos Paulistas tratou hum artista, e hum negociante daquella Nação: que resultado esperava a Liga de taes reacções? Sacrificar patrióticos cidadãos ás requisições diplomaticas do Barão Rouen, que *folga, joga, janta, e toma chá* com os nossos Governantes?

Se taes não erão, como acreditamos, suas vistas; se o Governo não dictava a sua doutrina, porque não se dirigia a Liga aos nossos sapientissimos Governantes, e não lhes dizia — meos senhores, a Nação vos paga, e muito bem, para cumprirdes os vossos deveres; entre estes, o mais importante he sustentar a dignidade, e independencia Nacional: tratai pois de expellir o Estrangeiro que aggreo ao Brasil; não vos banqueteis com o Representante d'esse povo aggressor; fazei finalmente o que vos cumpre fazer —. Se surdos a estes avisos, esses homens continuassem na mesma criminosa senda; então teria lugar o appello para o Povo; não contra o Estrangeiro, mas contra os Governantes que o protegem, e o tollerão: e só quando estes fossem substituidos por Cidadãos Patrióticos, que cumprissem seus deveres, he que os esforços populares devião ser excitados para sustentá-los, e dar-lhes a força necessaria contra o perfido invasor.

Tal he a conducta que a razão dictava, mas que a Liga não seguiu.

Depois destas considerações, se algumas duvidas restassem sobre a influencia Governativa na Liga, e por consequente sobre a existencia de planos occultos, não desaparecerião ellas á vista da aspereza não esperada com que fomos tratado n'essa Folha, por advogarmos a opinião daquelles que só vêem a salvação do Paiz na declaração da Maioridade de S. M. I.?

Todos sabem que com a Maioridade de S. M. I. a maldita Cabeça de Medusa deixará de exercer sua malefica influencia nos destinos do Brasil: ninguém ignora que, com aquella medida a queda, e aniquilação dos actuaes Governantes he hum facto de existencia necessaria; não se pode pois concluir da opposição da Liga a essa desejada maioridade, que erão os governantes que dictarão suas expressões?

Não damos inteiro credito a taes suspeitas, apesar do que deixamos dito: nossa convicção só se determina á vista de provas irrecusaveis, e não por indícios. Antes queremos suppor que só a opposição a homens he que dirigio a Liga nesta questão. Se já se tivesse cumprido o raticinio do empirico charlatão, que á sombra do *Joãovil* se sentou com S. M. I. á mesa, donde forão expulsos os Medicos Brasileiros; se já se tivessem passado os *tres annos*, acreditamos que os illustrados Redactores da Liga serião os primeiros a sustentar essa maioridade, a qual agora se oppoem talvez porque *ainda vive esse homem*, que necessariamente será hum dos que tem de subir ao Poder, sob o Governo de S. M. I.

Desprezem porem os illustrados Redactores da Liga mesquinhos odios: attendão ao bem do Paiz, e se detestão como supponmos essa Aristocracia Republicana, que tanto ameaça os direitos da I. Familia como as instituições Patrias, e o bem do Paiz, coadiuvem

nosso esforço, para que S. M. o I. seja collocado a frente do Governo, e o Brasil livre das nojentas Harpias que o conspurcáo, e devoráo.

Havíamos já sido informado do horrendo trama, que a Aristocracia Republicana urde, quando o nosso Collega o Homem do Povo nos veio confirmar a noticia — de que a infernal Cabeça de Medusa, o seus siccarios, procuráo por seus Agentes congregar gente, e particularmente gente de côr, para se fazer proclamar a Maioridade de S. M. o I. — Qual seja o fim a que se propoem aquelles malvados, he obvio; nós porem que tomámos a tarefa de sustentar essa Maioridade, que tem em seu apoio o voto da grande maioria Brasileira, não deixaremos de o tornar mais claro, e patente.

Aquella infernal quadrilha, aquelle sordido bando de nojentas harpias, vendo o progresso da opinião, que se tem manifestado a favor da Maioridade de S. M. I., procura nullificar-a com hum golpe de Estado. Para que este possa ter lugar, trata-se, fingindo adoptar essa opinião, de grangear assinaturas, com que, depois de ter apanhado no laço os Monarchistas Constitucionaes, possam authenticar a descoberta de hum Rebelião complicada com insurreição. Tal he o fim desses scelebrados!....

Não se deixem pois os Monarchistas Constitucionaes illaquear pelos agentes assalariados, que andáo mendigando assignaturas para que S. M. I. seja collocado á frente do Governo. Esta medida salvadora deve partir do corpo Legislativo, baseada sobre a opinião publica, que toda se vai declarando em seu favor, por ver, que tanto, em politica, pode governar hum Menino com 14 annos, como com 18, segundo a constituição.

Entre os muitos Monarchistas Constitucionaes, que o voto Eleitoral elevou

aos bancos Legislativos, bastantes ha que mostraráo, e propugnaráo por essa medida salvadora; nós mesmo conhecemos, alem de outros, hum eloquente Deputado, que de coração ama as instituições patrias, e a Imperial Familia, e que não cedendo nem a ameaças, nem a promessas, afrontará os odios da Cabeça de Medusa, e de seus siccarios, propondo com a coragem que lhe he propria a Maioridade de S. M. o I.

Esperemos esse momento desejado: tribute-se então a esse illustre Deputado toda a gratidão de que se fará credor; mas não nos deixemos pescar nas redes que nos preparáo a Cabeça de Medusa, o cabelleira, o coxo, o bocca torta e mais quadrilha. Sentido n'elles!....

Do Noticiador de S. Paulo, á que nos referimos no nosso numero antecedente, transcrevemos, em seguimento ao artigo que ahi se lê, intitulado — *A conversão da Guarda Nacional, em Guarda do Governo* — o seguinte discurso do abalisado Parlamentar, o Exm. Sr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, discurso não só importante, por ter por fim arrancar ao Governo a poderosa arma da nomeação dos officiaes da G. N., como porque rebate a insidiosa doutrina do Carneiro de Campos, que se declarando tão infamemente contra a sua classe, que elle hoje chama baixa, quiz assim ver se fazia hum grande serviço ao Governo, que elle julga ter esposado esse principio, querendo por tal modo pagar-lhe a indevida nomeação, que d'elle fez para Inspector do Thesouro. Todos os que lerão aquelle impolitico arrasoado, citado no nosso N. 18, digão em fé de Brasileiro contitucional, se tal homem pode e deve merecer as sympathias de alguem? E haverá Brasileiro Monarchico-Constitucional, amigo da união e do Imperio, que depois do ler e meditar n'aquelle apontado de friolciras

se lembro de semelhante carneiro para honral-o com os sufragios da urna? E haverá ainda Brasileiro de côr tão degenerado, que se lembro contribuir com o menor contingente, de qualquer modo que seja, para levar á eminencia da Tribuna, homens que assim pensão, sem descer ao ultimo gráo de degradação, de falta de sentimentos, e de nobreza? Gremos que não; ao menos assim o esperamos.

Quando os *republicanos-aristocratas* tem a animosidade de mandar destemido pelos clarins de seu partido tocar a rebato no seio de huma Assembleia Legislativa Provincial, pode-se por ahi prever quanto se tem tramado, e quanto se trama contra a constituição, e por conseguinte contra a numerosa e importante classe dos homens de côr, que até hoje ainda não deixarão de dar provas de seu talento, amor á Patria, ao Throno, e ao Monarcha, e summa habilitade para todos os ramos de Commercio, Industria, Artes, sciencias, pois he de sua natureza o serem activos, e laboriosos. Mas, em fim, vamos ao discurso.

Sr. presidente: — o meu estado de saude impedia-me hontem de expôr á casa algumas considerações, que me obrigão a votar contra o projecto em discussão; mas eu tinha promettido que hoje fallaria; por isso apesar de não me achar hoje melhor vou fazer algumas observações a respeito d'esse projecto. No systema monarchico constitucional, ha sempre dois elementos que constantemente disputão a preponderancia: o elemento monarchico, e o elemento popular. Aquelle tende continuamente a reforçar-se, e de facto pode preponderar, visto que tem a força publica para executar suas vontades. O elemento monarchico, podia pois absorver tudo, concentrar em si toda a influencia, logo que não se lhes desse hum contrapezo que o equilibrasse. D'aqui, resulta o grande principio da

divisão e harmonia dos poderes, como garantia da estabilidade, e da conservação do elemento popular das monarchias. Virão os estadistas que o pensamento monarchico, armado como se acha em todos os paizes, tendo ás suas ordens as bayonetas mercenarias, podia absorver todo o poder, dirigir exclusivamente a marcha do estado, e obstar a intervenção do elemento popular no governo da sociedade; virão mais que o poder tinha livre o passo para seguir mesmo as veredas mais perigosas; que o governo podia atacar de frente as instituições populares, sem que a massa activa, e pensante da nação tivesse huma arma para oppor aos desatinos do poder, para defender suas prerogativas, e obstar a conversão do governo em huma monarchia pura. Eis os motivos que aconselharão aos politicos a criação da guarda nacional. Creada ella já o poder não pode facilmente transpor a orbita de suas attribuições; não lhe he tão facil derrotar o elemento popular, e prohibir que elle tenha influencia na publica administração; porque já o pensamento popular acha-se armado, em circumstancias de oppor-se com vantagem ás invasões do pensamento aristocratico. A guarda nacional he a nação armada, a milicia de linha he d'ordinario a força do governo, não poucas vezes empregada contra a propria nação. Sendo taes os meus principios, como he possivel que eu vote a favor d'este projecto que desarmando inteiramente o pensamento popular, vai sujeitar as massas á influencia do poder? elle as pode dirigir como quizer, tendo o direito de nomear livremente os officiaes dos batalhões, esquadrões, sobre proposta dos respectivos commandantes; pode desde então abusar como quizer, atacar de frente todas as instituições populares, porque o pensamento popular não tem huma arma para defender-se. A nação quiz armar-se para poder op-

6
por huma barreira aos desatinos do poder, e contrabalançar sua natural tendencia a fortificar-se a custa do enfraquecimento do elemento popular; mas este projecto desarmando a nação destróeu o equilibrio que deve haver entre ambos os elementos, para que ambos possam conservar-se; pois que he impossivel, que existão essa harmonia, e esse equilibrio, desde que o elemento aristocratico, for dotado de toda a força. Não me admira que o governo da provincia deseje, e pedisse mesmo a adopção da providencia proposta no projecto: porque sem fazer-lhe injuria, posso dizer que n'isso obrou como obrão todos os governos, que nunca estão satisfeitos com a força que tem, e procurão sempre augmental-a. O poder quer sempre fortificar-se: cabe á razão legislativa o grão de força que lhe he precisa, e só conceder-lhe aquella que he indispensavel para o exacto cumprimento de seus deveres; para isso he que nós aqui estamos, e he essa huma das primeiras obrigações das assembleas legislativas. Agora responderei ao nobre deputado que fallou a favor do projecto. Fallou-se nas más nomeações do povo para os postos da guarda nacional: eu convenho que houverão abusos, que o povo desconhece os deveres, e até seus proprios interesses; porem não posso criminal-o tanto que me incline a roubar-lhe toda a ingerencia na nomeação dos officiaes; porque se elle errou na escolha d'elles, o governo tambem pode errar, e effectivamente estamos vendo que erra todos os dias. Attenda-se ás promoções que tem havido no exercito: veja se como tem procedido na escolha dos officiaes, e quem for justo diga-me se he possivel esperar que o governo não erre, e não abuse da escolha dos officiaes da guarda nacional (appoiados). He verdade que ouvi dizer que o povo Brasileiro era naturalmente aristocratico, e que por conse-

guinta era preciso impedir que as classes inferiores tomassem o lugar que compete á classe mais elevada. Eu creio, Sr. presidente, que todos os povos tem tendencias aristocraticas; porque todos os homens as tem; porem tambem julgo que he dever nosso coartar, dirigir, e circunscrever o desenvolvimento de taes tendencias para que possa ser observado o principio constitucional, que facilita o accesso de todo o cidadão aos cargos publicos, com a unica distincção de seus talentos e virtudes. Não quero pois que estimulemos, ou demos huma força ás tendencias aristocraticas, erigindo em lei, a distincção de classes, ou ordens na sociedade; por isso voto contra este projecto que, d'algum modo, tende a favorecer o predominio de taes tendencias. O que eu quero he que hajão bons officiaes; homens que conheçam a importancia das funcções de seu emprego, e não officiaes que obedeçam ao primeiro aceno do poder; porque a guarda nacional não he creada se não para defesa da nação, e não do governo, que muitas vezes pode ser inimigo da nação (appoiados). Essa independencia, essa prohibidade, que desejo nos officiaes, não agrada ao poder, porque elle quer maquinas, que obedeçam, e não homens que investiguem a moralidade de suas ordens; homens que talvez em alguma occasião devam resistir a ellas. Não desconheço que abusos houverão na escolha dos officiaes, quando erão de eleição popular; porem não posso esquecer-me de que essa mesma Guarda Nacional, com esses mesmos officiaes, já huma vez soube oppor-se ás tentativas do governo do Rio de Janeiro; já huma vez comprehendendo toda a extensão, e nobreza de sua missão, e deo ao poder huma prova de seu civismo (appoiados). E que direi eu de presente? Quem he que no Rio Grande, no Maranhão, na Bahia tem sustentado á custa de mil

sacrificios, a monarchia constitucional, e a integridade do imperio? (apoiados)
 Quem he que ultimamente em Coritiba correo promoveo a defeza da ordem, da paz, das nossas instituições ameaçadas pelas rebeliões que tentam invadir o territorio de nossa provincia? He essa mesma Guarda Nacional, com seus officiaes nomeados popularmente: he essa verdadeira força nacional, que a custa de seu sangue, de seu reponso, e de seus mais caros interesses tem se votado á defeza das instituições, da integridade do imperio e á conservação da ordem publica (apoiados repetidos).

— O nobre orador faz mais algumas considerações, em resposta aos argumentos de diversos oradores que defenderão o projecto, e conclue seu discurso declarando que deseja a conservação da ingerencia do elemento popular na nomeação dos officiaes da Guarda Nacional, e por isso vota contra o projecto, que faz com que possam ser elles muito bons para o poder, porém pessimos para a nação.

COMUNICADO.

Quando hum governo não respeita a publica oppinião, quando se não importa que seus actos sejam censurados, quando mesmo não tendo consciencia politica tudo despreza, tudo trata de resto, e só lança o sorriso do escarneo sobre o código sagrado e fundamental do Estado, e como desprezando-o o atira por terra, piza-o, e o conspurca; o que se deve esperar de tal governo? De que crimes não se tem elle revestido? Hum governo semelhante he indigno de dirigir huma Nação esclarecida; he incapaz de reger homens livres; deve chamar sobre si todas as maldições do povo. a espada da justiça deve estar pendente sobre sua cabeça, para que não insulte a lei, e enxovalhe o povo que o sustenta e tolera. Tal linguaagem não he para ser empregada

garemos contra o governo do nosso paiz: temos empregado em todos os meios de censuras publicas, mas comedidas, sobre seus actos, apresentando-lhes factos, e factos, que jamais será capaz de nos contestar, a fim de ver se alguns dos ministros a quem nos temos mais particularmente dirigido, se envergonhão, e arrepião a torçosa vereda em que caminham, e por nos parecer que são os que mais escandalosamente tem violado as leis, e desprezado a responsabilidade que sobre seus hombros pesa. Se todavia elles continuarem a abusar da paciencia do povo; se nós percebermos perfidas intenções de sua parte, nossa linguaagem será mais forte, nossas expressões ainda muito mais energicas: nós, tomando a peito o interesse dos Brasileiros, que he o nosso, e na qualidade de bom cidadão, procuraremos com os maiores esforços accorrear os Brasileiros livres e independentes de lottargo a que estão entregues, não cessaremos de bradar-lhes: Alerta! que senão seremos escravizados por essa influencia permanentemente maligna, e constantemente infensa á ordem e liberdades publicas, que nós tambem, com o illustre patriota o Sr. Limpo d'Abreu apelidaremos cabeça de Medusa. Por ora ainda nossa linguaagem será branda, nossas reflexões serão pacificas. Por ora pediremos ao Sr. Conde de Leões que ponha hum dique á torrente de arbitrariedades que ainda continua a praticar. Pedir-lhe-hemos que faça cessar essas promoções revoltantes a todos os Officiaes benemeritos, que se vêem pizados por S. Ex: Que não anotehise mais a organização do chamado Exército: Que não trate tanto de resto os postos militares para os não conferir a torto e a direito, como está fazendo: E se continua, cremos que S. Ex. até mandará agarrar os pretes de ganho para lhes dar hum gallo!! Que não

rial do Engenheiros, introduzindo n'ello quanto menino d'escola ha. tendo S. Ex. depois da ultima censura que lho dirigimos, sobre este assumpto, despachado mais do tripulo do numero que fizemos menção no artigo, como por assinte e... Grande coragem sua! Que não mais despache a paizanos 2." Tenentes do Corpo d'Artilheria do Pará, e segundo nos informão a hum homem, que por suas *habilidades*, ja foi a jurados, e cuja anecdota he patente n'esta cidade, que vindo ás mãos do integro commandante das Armas hum tão vergonhoso despacho, não só por ser contrario á lei, e o ministro não poder despachar hum poizano official, como, porque recahia em hum individuo que ja tem estado prezo, dirigira-se ao Sr. Conde, para lhe fazer suas observações, e foi-lhe respondido, segundo nos affirmão, por S. Ex. que bem lhe constava tudo, mas que os empenhos erão tantos!!.. Que não continue mais a insultar os Officiaes Brasileiros, despachando capitão a hum vendedor de bonecos, e a Major a outro estrangeiro como ainda ha pouco acaba de fazer na Provincia de Santa Catharina, e finalmente a hum outro estrangeiro para lente da Academia Militar. Mas S. Ex. ja deve saber talvez que por taes abusos de poder tem de contar com o peso da maior responsabilidade pois assim impunamente não se piza a lei e se offende o direito da officialidade do Exercito. Brasileiro Ministro que mais destimidamente obre, jamais temos visto em nosso paiz: chegando á tal ponto sua aristocracia e orgulho, que dá audiencia de pé, só para que ninguem se assente á sua vista? Em outro qualquer paiz, nem hum unico dia poder-se-hia conservar no posto. Nós na qualidade de cidadão... Brasileiro nato, pedimos ao chefe irresponsavel do Estado, e ao illustre ministro do Imperio, que tem sempre se mostrado recto e justiceiro (sendo n'ello, e no de

Estrangeiros em quem confiamos) que vejam o descredito em que cahem consentindo que hum ministro tão arbitrario, e tão desprezador dos direitos e foros dos Brasileiros, faça parte de hum governo que preside aos destinos de huma nação livre e independente.

ACÇÃO GENEROSA.

—Tendo o Commandante demittido do batalhão da Freguezia do SS. Sacramento, deixado ficar *empenhado* em sua mão o fardamento da Muzica, (para o qual houve subscrição entre os G. N.), por cujo motivo o digno Fluminense o Sr. Barboza Guimarães tomou posse com Muzica *emprestada*; consta que este Sr. mandara fazer novo fardamento; e sendo-lhe agora *offerecido o penhor*, S. S. o recusara. A' ser isto como se nos affirma, nós louvamos o rasgo de brasileirismo do Sr. Barboza Guimarães, á quem apenas de vista conhecemos; mas que nos consta ser pessoa de reconhecido merito, cheio de bondade á toda prova, e de sentimentos Brasileiros.

—*Trinta contos de reis*, ganhos, em 3 annos, em *pingos de cera* na administração da C. M., dá-se á quem descobrir o *lugar proprio* em que deve ser collocado o *Busto do Cavalleiro Mello* (pisador do laço nacional), que esteve á prova, no armazem de azeite de peixe, no Campo d'Acclamação.

—Os Srs. da Camara Municipal por ordem do governo, indicarão para Inspector da iluminação (que 5 mezes duvidarão entregar ao novo arrematante) hum *afilhado* com o *pingo de cera* de 1:200\$ rs. de ordenado. O honradissimo Sr. Galvão com esse dinheiro empregou no mesmo servico, a 4 Brasileiros paes de familia. Apparecem agora, todas as noites, lampiões quebrados á pedra, quem as jogará?...
Brava da especulação;
São progressos da Nação.